



**O OLHAR ESTRANGEIRO NA VIAGEM
DO RIO DE JANEIRO A MORRO
VELHO: NATUREZA, ESCRAVIZADOS,
LIBERTOS E IMIGRANTES NOS
RELATOS DE RICHARD F. BURTON
SOBRE O BRASIL (1869)**

CRISTINA FERREIRA* 
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE
BLUMENAU, BLUMENAU, SANTA CATARINA, BRASIL
MARTIN PEZZINI BACHMANN** 
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE
BLUMENAU, BLUMENAU, SANTA CATARINA, BRASIL

RESUMO

O diplomata inglês Richard F. Burton publicou o livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* (1869), relato de sua passagem por Minas Gerais a partir de um exercício de seleção e criatividade vinculado a formulação de uma ideia de Brasil para o mundo europeu. Ao mobilizar a literatura de viagem como suporte que exprime sentidos e significados ao mundo social, conectamos as questões teórico-metodológicas que regem o objetivo deste artigo, para analisar as descrições de viagem de Richard Burton sobre a população brasileira, a partir da problematização da personagem. Apoiado no determinismo geográfico e nos princípios racistas, Burton ressaltou o desequilíbrio demográfico do país, pautado no eurocentrismo e na perspectiva de defasagem do Brasil causada pela “mestiçagem”, reforçando o argumento de que a solução seria a implementação de políticas imigratórias voltadas aos europeus como estratégia para a “civilização” da população brasileira.

Palavras-chave: Viajantes; relatos de viagem; Richard F. Burton.

ABSTRACT

The English diplomat Richard F. Burton published the book *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* (1869), a report of his passage through Minas Gerais from an exercise of selection and creativity linked to the formulation of an idea of Brazil for the European world. By mobilizing travel literature as a support that expresses senses and meanings to the social world, we connect the theoretical and methodological issues that govern the objective of this article, to analyze Richard Burton’s travel descriptions of the Brazilian population, from the problematization of the character. Based on geographic determinism and racist principles, Burton highlighted the demographic imbalance of the country, based on Eurocentrism and on the perspective of Brazil’s lag caused by “mestizaje”, reinforcing the argument that the solution would be the implementation of immigration policies directed to Europeans as a strategy for the “civilization” of the Brazilian population.

Keywords: Travelers; travel Reports; Richard F. Burton.

* Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora efetiva da Universidade Regional de Blumenau - FURB, nas disciplinas História do Brasil II e III; Prática de Pesquisa Histórica I e II, Projeto de Pesquisa em História e Trabalho de Conclusão de Curso. Email: cliocris@gmail.com.

** Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e estudante de Desenvolvimento Web na Trybe. Membro do Centro de Memória Oral e Pesquisa (CEMOPE). Tem interesse em história do Brasil, com ênfase no século XIX. Email: martinpezbach@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A contribuição primordial desta pesquisa consiste em discutir história e literatura de viagem sob um viés teórico-metodológico que relaciona circunstâncias de produção, circulação e recepção da cultura², visando abordar as interações incessantes e relações simbióticas entre textos e contextos, no afã de investigar a historicidade inerente às narrativas literárias. As expedições de viagens para as diferentes regiões do globo, com objetivos comerciais e científicos proliferaram no século XIX, diante do avanço das tecnologias de deslocamento e do imperialismo europeu. Nesse contexto, o Brasil foi um dos países que exerceu grande atração sobre estrangeiros, a partir da perspectiva europeia de que os regimes monárquicos ofereciam “segurança e estabilidade política”³, comparativamente a outras regiões da América. Após a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a amigável aproximação entre a administração imperial e esses estrangeiros, o território brasileiro tornou-se alvo para os interessados “em conhecer não só a natureza, como essa civilização de ‘raças misturadas’ ao sabor dos trópicos”⁴.

Atraídos pela abundância natural e pela sociedade peculiar que se desenvolvia nos trópicos, as produções escritas desses viajantes compartilhavam dos conhecimentos da *história natural*, ciência que passou a ocupar um lugar de destaque nas viagens de exploração, popularizando seus métodos, que consideravam “a natureza todo um domínio empírico cognoscível, descritível e ordenável em sua totalidade”⁵, a partir de termos e descrições específicas para cada paisagem. Porém, “seria equivocado considerar esses viajantes como cientistas profissionais *stricto sensu*”, já que constituíam um grupo bastante diverso, em que “interesses comerciais, científicos e colonialistas entrelaçavam-se com motivações teológicas, morais e estéticas”⁶. A pretensão de racionalidade não impediu que as narrativas apresentassem certas marcas de subjetividade, unindo “íntimamente a sensibilidade romântica diante da natureza e a precisão de detalhes e medidas”⁷ características do período.

Dentre os inúmeros estrangeiros que desembarcaram no país encontramos a figura de Richard Francis Burton, viajante que já havia escrito sobre diferentes lugares do mundo, como a Índia, Arábia e regiões centrais em África. No Brasil, atuou como diplomata do Império Britânico, alocado na cidade de Santos (1865-1869). Nesse período, realizou uma viagem

2 CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

3 CONSTANTINO, N. S. Apresentação. In: CONSTANTINO, N. S. (org.). *Relatos de viagem como fontes à história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 12.

4 SCHWARCZ, L. M. Cultura. In: SILVA, A. C. (coord.). *Crise colonial e independência: 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 238.

5 SCHIAVINATTO, I. L. Imagens do Brasil: entre a natureza e a história. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec: Ed. Unijuí: Fapesp, 2003. p. 604.

6 MARTINS, L. L. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 12.

7 KURY, L.; SÁ, M. R. Os três reinos da natureza. In: MARTINS, C. (org.). *O Brasil redescoberto*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1999. p. 34.

para Província de Minas Gerais e pelo Rio São Francisco, interessado em aspectos sociais e econômicos da região. Os resultados da viagem foram relatados em dois volumes intitulados *Explorations of the highlands of the Brazil* (1869), sendo que o primeiro volume foi traduzido para a língua portuguesa sob o título *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* (1976). Em consonância com o estudo da literatura de viagem no Brasil, a pesquisa tem como objetivo analisar historicamente as narrativas de viagem de Richard Burton, com interesse especial em suas descrições sobre a população brasileira em sua pluralidade (negros, brancos e miscigenados – escravos, libertos e imigrantes). A análise das narrativas de Burton considerou as “zonas de contato”, caracterizadas por Mary Louise Pratt como “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam”⁸, para problematizarmos sua atuação como inglês e diplomata do Império Britânico, assim como suas abordagens sobre o Brasil, na condição de quem circulava nos meios intelectuais europeus e havia conhecido diferentes regiões de África e Ásia.

2. A TRAJETÓRIA DE RICHARD F. BURTON E SEU RELATO DE VIAGEM SOBRE O BRASIL

A literatura exerceu uma função de destaque nas discussões em torno dos temas da construção da nação brasileira no século XIX. A leitura e a narrativa literária eram consideradas pelos homens de letras oitocentistas como importantes vias de instrução e condicionamento moral. Os literatos construíram vínculos expressivos entre o romance histórico, a história erudita e os monumentos públicos, responsáveis por narrar a trajetória da organização do Brasil e singularizar o país por meio da estilização da natureza. Tais produções articulavam imagens de diferentes tempos históricos, onde “os passados são sempre de alguma forma presentes, ainda vivos, nos quais as novas criações se inspiram”⁹. Os escritores, literatos e viajantes desse período estavam envolvidos nos ideais de sistematização narrativa das paisagens e da natureza, considerada como um indicador da identidade nacional, contribuindo para a estruturação de textos pautados em “padrões de referência identitária”¹⁰ e noções de pertencimento entre os brasileiros.

Nos relatos de viagem do século XIX, contexto de inserção de Burton, havia uma construção narrativa pautada na relação entre o olhar e o texto, em um processo de apropriação

8 PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 27.

9 CHARTIER, R. Literatura e cultura escrita: permanência das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras. In: CHARTIER, R.; RODRIGUES, J. D.; MAGALHÃES, J. (org.). *Escritas e Cultura na Europa e no Atlântico Modernos*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020. p. 36.

10 PESAVENTO, S. J. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro”. (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: PESAVENTO, S. J. (org.) *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2003. p. 209.

da natureza e dos homens pela escrita dos viajantes. Nesse âmbito, a linguagem atuava na formação de uma rede de significados, voltada à “transformação do olhar em escrita, quando os fatos não aparecem como ficção, mas como criação pela palavra e pelo discurso”¹¹. Por extensão, tanto a seletividade quanto a capacidade imaginativa do viajante, contribuem para produzir, organizar e desdobrar elementos narrativos e descritivos vinculados à sua experiência e observação, a partir de um olhar que testemunha. Portanto, seu diálogo com os contornos da narrativa textual adentra os meandros das relações de força mutáveis e descontínuas do universo entre história e ficção, demandando uma concepção de literatura ampliada, que leva em consideração “qualquer produto que tenha relação com as palavras”¹², para exploração de seu contexto de produção e da interação entre o autor e sua rede intelectual.

Como um suporte que exprime sentidos e significados ao mundo social, a literatura de viagem tornou-se uma área de interesse para os historiadores como forma de expressão de indícios verossímeis e parciais das razões e dos sentimentos partilhados pelos viajantes e seus contemporâneos, traduzidos no formato de texto. Nessa construção de significados, “as diversas figuras são postas em movimento pelo narrador, que intervém de múltiplos modos no interior de sua própria narrativa”¹³ para criar uma lógica que signifique o seu entorno, materializado em suas descrições sobre a viagem e os locais visitados. Essa concepção está fundamentada no princípio de que as literaturas de viagem estão “investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção”¹⁴. Portanto, as narrativas dos viajantes sobre seu percurso costumam transformar o corriqueiro em excepcional, selecionando o que atraiu sua atenção e permaneceu em sua mente, além de organizar e relatar tal experiência para a posteridade. Afinal, a lente do narrador é concebida a partir de “sua formação, suas concepções, conceitos e preconceitos a respeito daquilo que ela observa e das opiniões que emite”¹⁵. Isso remete à necessidade de evitar compor uma linha reta e evolutiva sobre o passado, trazendo à tona as particularidades de seus relatos a partir dos “sinais de trilhas mais sinuosas”¹⁶ de sua trajetória.

11 AUGUSTIN, G. *Literatura de viagem na época de Dom João VI*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 63.

12 DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 150.

13 HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 242.

14 CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 9.

15 SARAT, M. “Literatura de viagem”: olhares sobre o Brasil nos registros de viajantes estrangeiros. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 7, n. 2, p. 33-54, dez. 2011. p. 40.

16 MARTINS, L. L. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 11.

O inglês Richard Francis Burton (1821-1890) nasceu em Torquay, na Inglaterra em 19 de março de 1821. Era o primeiro filho de Joseph Burton, tenente coronel do Exército inglês e de Martha Baker, que pertencia a uma família “relativamente tradicional”. Os Burton passaram boa parte da infância de Richard em trânsito entre a França, Inglaterra e Itália¹⁷. Em relação aos seus estudos, o coronel Burton desejava que seus filhos “fossem enviados para Oxford”, visando adquirir formação para que se “tornassem clérigos religiosos, dando prosseguimento ao formato de uma família tradicional”. Porém, Richard se mostrou insatisfeito com a formação oferecida e com o ambiente hostil que encontrou, sendo expulso “por desobediência às autoridades da Universidade”, forçando o pai a comprar-lhe um cargo militar na Companhia das Índias Orientais, onde serviu “como oficial no 16º regimento nativo de Bombaim”¹⁸. Permaneceu no país entre 1842 e 1849 e, durante sua estadia, “aprimorou o sânscrito, o árabe e aprendeu uma porção”¹⁹ de línguas que o auxiliaram em suas expedições posteriores, além de ter publicado seus primeiros relatos de viagem a partir de sua experiência na região²⁰.

Após voltar para Europa, Burton articulou uma carreira como explorador sob o financiamento da Royal Geographical Society, instituição que lhe proporcionou a realização de três viagens para o Oriente Médio e regiões centrais da África, onde visitou disfarçado a cidade de Meca (1853) e trabalhou à procura da nascente do Rio Nilo, no ano de 1858²¹. Como resultado dessas viagens, publicou relatos que receberam “um reconhecimento que os seus livros sobre a Índia não tiveram”, com temáticas “de grande apelo comercial na Inglaterra”²². Entre suas viagens na década de 1850, Burton conheceu sua futura esposa, Isabel Arundell, filha de aristocratas britânicos. Logo após seu casamento, em 1861, Burton entrou para o serviço diplomático britânico graças à influência da família de sua mulher junto ao governo imperial. Em seu primeiro encargo, ocupou o posto de Cônsul em Fernando Pó até 1865, quando foi transferido para a cidade de Santos²³.

17 GEBARA, A. L. A. *A experiência do contato: as descrições populacionais de Richard Francis Burton*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2001. p. 13.

18 GEBARA, 2001, p. 13-14.

19 MORAES, C. N. *O racista ignóbil e o perspectivista compassivo: refletindo sobre a tradução de poemas de A Kasidah de Richard Burton*. Tese (Doutorado em Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2014. p. 15.

20 Os quatro livros de sua autoria que foram publicados neste período são: BURTON, Richard Francis. *Goa, and the blue mountains*. London: Richard Bentley, 1851; BURTON, Richard Francis. *Scinde; or, the unhappy valley*. London: Richard Bentley, 1851; BURTON, Richard Francis. *Sindh, and the races that inhabit the valley of the Indus*. London: W. H. Allen, 1851; BURTON, Richard Francis. *Falconry in the valley of the Indus*. London: John van Voorst, 1852.

21 TREDoux, G. (ed.). *Burtoniana*. [S.l.], 2007. Disponível em: <http://www.burtoniana.org/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

22 CARVALHO, P. C. A. “Going native?” islã e alteridade em *Personal Narrative of a Pilgrimage to Al-Madinah and Meccah* (1855-6), de Richard Francis Burton. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017. p. 43-44.

23 FIGUEIRA, L. J. *Richard Francis Burton no Brasil (1865-1869): um olhar para a Guerra do Paraguai (1865-1870) a partir de cartas dos campos de batalha*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016. p. 35.

O Brasil em que Burton desembarcou estava inserido na rota das viagens europeias. Esses viajantes estrangeiros formavam um grupo diversificado, composto “por pessoas das mais diferentes nacionalidades e profissões”²⁴, em uma gama que contemplava desde marinheiros até grandes comitivas. A presença do então diplomata estava inserida no significativo contato entre o Império Britânico e o Brasileiro. As raízes desse vínculo podem ser percebidas nas relações estabelecidas entre Portugal e Inglaterra séculos antes, mas ganharam força com a vinda da Corte portuguesa para os trópicos, tornando-se o “país estrangeiro de maior importância para a economia, a política e também, em menor grau, para a sociedade e a cultura brasileira”²⁵.

Durante sua estadia no Brasil, entre 1865 e 1869, Richard Burton percorreu algumas regiões do interior, com destaque para a Província de Minas Gerais, destino conhecido por sua significativa produção aurífera ao longo do século XVIII. Incomodado com o desconhecimento dos europeus sobre o interior do Brasil, o viajante decidiu publicar os registros de sua viagem a Minas Gerais. A ordenação de suas anotações resultou na publicação do livro *Explorations of the highlands of the Brazil* (1869) pela editora Tinsley Brothers²⁶, dividido em dois volumes com um total de 966 páginas, demarcando “suas impressões acerca da flora, fauna, a geografia e as populações”²⁷. O primeiro tomo, fonte privilegiada para a pesquisa, trouxe como cerne a intenção do viajante de realizar uma análise das “condições das empresas e regiões mineradoras ao redor de Ouro Preto”, propósito que fazia parte do ofício da diplomacia, reconhecendo “a penetração do comércio como elemento de influência inglesa”²⁸ no país, em especial das Companhias de Mineração. Esse volume contava com 466 páginas, uma dedicatória, um prefácio escrito por sua esposa, um ensaio preliminar e 41 capítulos, alguns deles recontando a viagem pela Província²⁹, enquanto outros ofereceram sínteses sobre determinadas questões³⁰.

24 SARAT, 2011, p. 37.

25 BETHEL apud GILLIES, A. M. R. Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX. *Estudios del ISHiR*, Rosário, ano 4, n. 10, p. 23-38, 2014. p. 24.

26 Ao estudar os impressos de autoria de Burton, percebemos uma grande variedade entre os responsáveis por seus 51 livros publicados em vida. Dentre esses, 9 (17%) levaram o nome da Tinsley Brothers, todos no período de 1863 a 1872. A editora, fundada em 1852 pelos irmãos William e Edward Tinsley, foi especializada na publicação de romances de sensação, tendo atingido maior sucesso na década de 1860. O êxito, porém, foi passageiro, decrescendo as vendas até sua falência, no final da década de 1880. Cf. BASSET, T. Publishing and circulation. In: FELLUGA, D. F. (ed.). *The Encyclopedia of Victorian Literature*, v. 3. [s.l.]: John Wiley & Sons, 2015, p. 1392-1398; TREDOUX, G. *The book of burtoniana*. [s.l. / s.n.], 2016.

27 FIGUEIRA, 2016, p. 14.

28 GEBARA, 2001. p. 134; 21.

29 Esses capítulos, que totalizam 36, remetem ao percurso de viagem de Burton, as cidades que visitou e o caminho entre elas.

30 Os 5 capítulos de síntese, dedicados a explorar de forma aprofundada determinado tema, são: XXI. – Notes on gold-mining in Minas Gerais; XXIII. – The past and present of the St. John del Rey mine at Morro Velho; XXVII. – The white miner and the brown miner; XXVIII. – The black miner; XXXVIII. – The Mineiro.

No Brasil, o livro de Burton circulou em língua portuguesa por meio da Coleção Brasileira (nos anos 1941 e 1983), sob o título *Viagens aos planaltos do Brasil* em três tomos³¹ e, em 1976, foi intitulado *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*³², tradução do primeiro volume de *The highlands of the Brazil*, reimpresso sob o mesmo título na coleção do Senado Federal denominada “O Brasil visto por estrangeiros” (2001). O objetivo de Burton com a publicação era apresentar a Província e “tornar conhecida a vastidão de suas riquezas e a imensa variedade de suas produções, abarcando tudo, desde sal até diamantes”, no formato de “uma sucessão de duras e secas fotografias” voltadas ao utilitarismo³³. Esses cuidados podem ser percebidos pelo uso constante de detalhadas notas explicativas, que expandiam as temáticas trabalhadas, como no caso da mineração e cultura local³⁴, complementadas por uma pletera de trabalhos já escritos sobre o Brasil, por meio de um diálogo constante com os viajantes que o precederam, buscando historicizar as paisagens que presenciou. O compromisso com esses aportes bibliográficos foi demonstrado ao trazer, em seu ensaio preliminar, “uma lista de autores cujos nomes” foram citados, com “algumas observações acerca da natureza de seus trabalhos”³⁵. Portanto, se os relatos de viagem mantinham a preocupação de produzir um conhecimento científico seguro, é necessário ressaltar que esse seria um tipo particular de conhecimento “letrado, masculino, europeu”³⁶, característico do pensamento eurocêntrico e pautado pela crença na objetividade de suas análises, situação que deve ser questionada, já que essas narrativas foram escritas a partir da perspectiva do viajante, fundamentado em sua bagagem sociocultural.

O relato de Burton cobre os cinco meses empreendidos na excursão à Minas Gerais, durante sua licença consular (entre 12 de junho e 12 de novembro de 1867), a partir de uma trajetória terrestre e fluvial. O relato inicia na cidade do Rio de Janeiro com destino a mina de Morro Velho, onde desejava visitar a Companhia de Mineração inglesa da região, além de transitar por outras cidades importantes da região, como Barbacena, Ouro Preto e Mariana (ver

31 *The Highlands of the Brazil* foi publicado na Coleção Brasileira em três volumes e traduzido por Américo Jacobina Lacombe. O volume 197, impresso em 1941, tinha como subtítulo “Do Rio de Janeiro a Morro Velho”; já os volumes 375 e 376, ambos impressos em 1983, foram subintitulados respectivamente “Minas e os Mineiros” e “O rio São Francisco”.

32 O volume foi publicado pelas editoras Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo (1976) e contou com a tradução ao português de David Jardim Júnior.

33 BURTON, R. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Brasília: Senado Federal, 2001. p. 25; 31; 32.

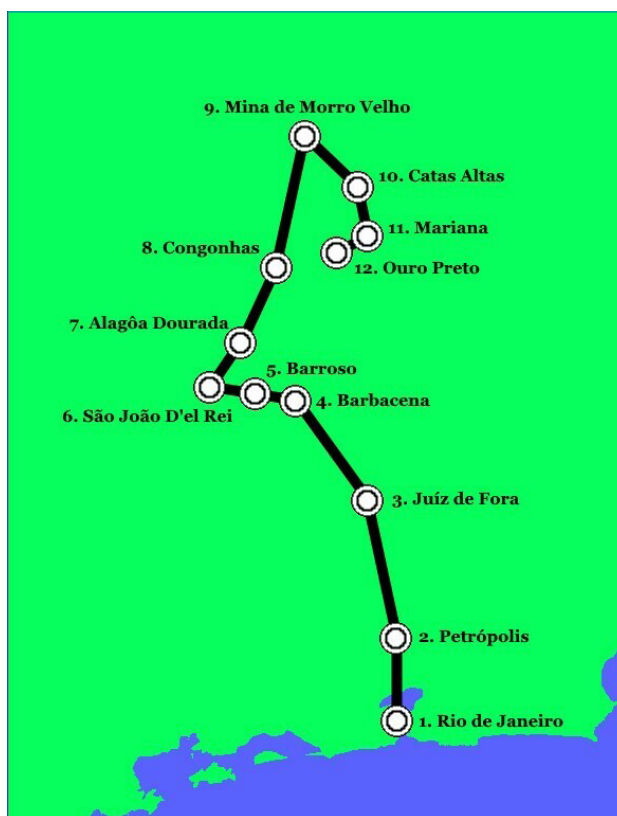
34 No capítulo XXXVIII, intitulado “The Mineiro”, foram contabilizadas 54 notas explicativas em 32 páginas, totalizando uma média de 1,68 notas por página.

35 Nesta lista foram contabilizados 28 autores, divididos entre 7 britânicos, 1 alemão, 3 franceses e 17 brasileiros ou portugueses. O diplomata britânico agradeceu seu “excelente amigo, Dr. José Inocêncio de Moraes Vieira, bibliotecário da Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo”, pelo auxílio em relação às bibliografias necessárias para viagem. Entre as obras mencionadas constam relatos de viagem, tratados geográficos, livros de história do Brasil e dicionários de Tupi. Por fim, cabe ressaltar que nem todos os títulos citados por Burton estão presentes nesse inventário, com nomes como Paul de Chaillu aparecendo apenas no corpo do texto (BURTON, 2001, p. 34, 39).

36 PRATT, 1999, p. 66.

Figura 1). Na segunda parte da viagem, o diplomata percorreu um trajeto fluvial através do Rio São Francisco, finalizando o relato às vistas das corredeiras de Paulo Afonso. Ao descrever seus caminhos pelo interior do Brasil, Burton assinalou que a “viagem cobriu mais de 2.000 milhas”, argumentando que “outros tantos anos” poderiam ser dedicados para esses estudos, e que “ainda assim, seria difícil apresentar-se uma descrição minuciosa”³⁷ das regiões visitadas.

Figura 1 - Mapa do trajeto de Burton em Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (12 de junho a 12 de novembro de 1867)³⁸



Fonte: autoria própria.

Como mencionado pelo próprio viajante, o principal tema abordado no livro foram as possibilidades econômicas do interior do Brasil, especialmente em relação à mineração. Não por acaso, o primeiro volume foi dedicado quase inteiramente à Província de Minas Gerais, com comentários diversos sobre a situação econômica e social da região. Por muito tempo, as narrativas sobre o oitocentos em Minas defenderam “a ideia de que o declínio da mineração teria resultado em prolongada estagnação”³⁹ econômica e social. Porém, a historiografia recente, marcada por uma reavaliação crítica dos conhecimentos tidos como estabelecidos, não só no

37 BURTON, 2001, p. 32.

38 Mapa elaborado a partir de aproximações, considerando as localidades mencionadas pelo viajante em sua trajetória de viagem.

39 DULCI, O. S. Economia de uma província em transformação: introdução. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas I*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 267.

sentido de ampliá-los, mas também de refutá-los⁴⁰, indica que este “declínio fez aparecer uma série de atividades econômicas que foram estimuladas pela mineração, mas que permaneceram pouco visíveis até então”⁴¹.

Esse contexto favoreceu que Minas apresentasse uma distribuição de renda menos concentrada, em comparação com outras áreas do Brasil⁴², devido à diversificação da produção e não dependência da agricultura latifundiária. Afinal, seus habitantes usufruíam da possibilidade de superação dos limites que pairavam sobre as regiões mais densamente povoadas, a exemplo do “acesso à terra (que aqui era encontrada em abundância relativa) e aos meios para sua autonomia econômica”⁴³. A força de trabalho era movida pela marcante presença do “maior plantel provincial de escravos” do país, que estava concentrada em “posses médias (de 11 a 50 escravos)”, apresentando um padrão de propriedade de escravos calcado no “sólido apoio social dado ao regime escravista mineiro, pelo menos até as duas últimas décadas da escravidão no Brasil”⁴⁴. Dessa forma, se os “viajantes já não puderam ver o ouro produzido em abundância”, presenciaram uma “complexa e, em muitos casos, surpreendente”⁴⁵ diversificação e variedade de possibilidades.

Ao longo do capítulo XXI, intitulado “Notas sobre a mineração de ouro em Minas Gerais”, a narrativa de Burton se aprofundou em questões técnicas e científicas relacionadas à presença e exploração de minérios na Província, expondo seu conhecimento sobre as diferentes formações geológicas e defendendo métodos mais modernos de extração, como a mineração profunda. Aqui, o relato que já se destacava pela busca da objetividade e precisão atingiu o ápice de um discurso utilitarista, caracterizado pela “focalização nos recursos naturais, humanos e técnicos e pela produtividade no seu uso”⁴⁶. O diplomata britânico aponta ter uma visão diferente da apontada por outros viajantes mais antigos, adeptos da perspectiva de “que a riqueza é coisa do Demônio”, apresentando uma visão moralista “sobre os males que o ouro acarretava para a humanidade”, a partir de um ponto de vista sentimental. Ao contrário desses, Burton pregava que seria “o mineiro, como o agricultor, um dos pilares gêmeos do Estado”

40 RESENDE, M. E. L. Escrever a História de Minas Gerais. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 1*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 16.

41 BOTELHO, T. R. Sociedade e cotidiano: introdução. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013^a. p. 263.

42 DULCI, 2013, p. 268.

43 BOTELHO, T. R. A família mineira no século XIX. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013b. p. 271.

44 LIBBY, D. C. Trabalho escravo e trabalho livre: introdução. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 1*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 136.

45 BOTELHO, 2013a, p. 263.

46 AUGUSTIN, 2009, p. 67.

brasileiro, e que “a exploração de ouro e diamantes apenas começou em Minas Gerais”⁴⁷. Os parâmetros estabelecidos estavam vinculados aos ideais de progresso do século XIX, “medido através dos negócios realizados e da riqueza acumulada”⁴⁸, onde o domínio tecnológico sobre o ambiente natural resultaria em ganhos econômicos.

A mina de Morro Velho, gerida pela São João d'El Rey Mining Company, foi indicada como uma prova desse potencial, tendo mostrado resultados mesmo em “circunstâncias adversas” devido ao trabalho de “homens em que a honestidade e a energia se combinam com o conhecimento científico e prático de sua profissão”⁴⁹. A companhia empregava mineiros ingleses e utilizava métodos mais modernos de extração. A confiança no saber científico foi uma das características marcantes do pensamento europeu no século XIX. Na esteira das revoluções Francesa e Industrial, novas disciplinas acadêmicas foram formuladas e novas tecnologias foram desenvolvidas. Da história natural, que buscava a classificação das diferentes espécies e formações geológicas, às grandes máquinas a vapor, os conhecimentos científicos foram continuamente utilizados para ampliação dos lucros e do controle do homem branco europeu capitalista sobre o resto do mundo. Não por acaso, Burton mencionava o papel da ciência na exploração das Minas brasileiras, considerada fundamental para a obtenção de resultados mais promissores do que os métodos antigos utilizados no país.

Portanto, as temáticas trabalhadas ao longo do livro apresentavam a diversidade característica dos relatos de viagem oitocentistas, trabalhando questões que envolviam a natureza, a sociedade e o cotidiano, perpassando também por questões políticas e econômicas. Os interesses ou conhecimentos pessoais dos viajantes também apareciam para particularizar as narrativas de viagem. Em seus relatos sobre o Brasil, Burton trouxe seu entusiasmo pela linguística e “o esforço tradutório”⁵⁰ que acompanhou seus outros trabalhos, com descrições de palavras em português e historicização da origem indígena de certos termos. No caso do “Piri-piri”, espécie de vegetal que se assemelharia ao papiro, o diplomata chamou atenção que a “língua tupi usa frequentemente a onomatopeia” e, à semelhança com muitos outros “idiomas bárbaros”, empregava a “repetição como aumentativo”⁵¹. O exemplo demonstra o quanto a tradução estava atrelada à própria perspectiva mental e cultural do tradutor que, no caso de

47 BURTON, 2001, p. 249, 250.

48 WITT, M. A. Política e economia em um conjunto de fontes bibliográficas sobre imigração. In: MARTÍNEZ, E. E. G. *et al* (org.). *História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos: Ed. Unisinos, 2013. p. 146.

49 BURTON, 2001, p. 263

50 MORAES, 2014, p. 17.

51 BURTON, 2001, p. 55.

Burton, remetia constantemente à contraposição entre civilizado/selvagem para caracterizar os tipos locais. Isso significa que no século XIX, a filologia foi “um dos principais alicerces dos estudos étnicos, tendo, no entanto, um número significativo de limitações”⁵², com uma visão progressista das sociedades e generalizações demasiadamente imprecisas para comprovar as noções prévias do estudioso.

3. AS DESCRIÇÕES DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NAS NARRATIVAS DE RICHARD F. BURTON

A caracterização e ordenação dos diferentes grupos sociais, assim como de questões envolvendo a natureza e a geografia é parte integral dos relatos de viagem como gênero literário. Os viajantes, ao descreverem os habitantes que encontraram, sistematizaram uma “série de referência das gentes do Brasil pelo teor étnico, pelos costumes, e entremado à localidade”⁵³, construindo um amplo inventário dos diferentes tipos brasileiros, como o mineiro e o paulista. Porém, cabe questionar essas tentativas de síntese dos viajantes, pois devemos evitar “imaginar a tipicidade”⁵⁴ de um grupo de pessoas, em especial pela lente estereotipada dos viajantes.

No longo contato entre os dois continentes, as descrições das terras visitadas por viajantes estrangeiros auxiliaram na construção de concepções sobre as culturas nativas, que fundamentaram uma dicotomia “entre ‘povos civilizados’ e ‘povos primitivos’”⁵⁵. Essa produção simbólica foi utilizada como “arma ideológica em favor dos avanços da colonização”⁵⁶ e do imperialismo europeus, justificando e promovendo a conquista do território americano, assim como sua subsequente ocupação e exploração. Dessa forma, percebemos como os estrangeiros, em especial os de origem europeia, contribuíram para construção de estereótipos que atribuíram “características selvagens, primitivas e descivilizadas ao país”⁵⁷.

Nos relatos de viajantes europeus sobre o Brasil era comum o assombro com a porcentagem de negros e mestiços que compunham a porção majoritária da população. Segundo dados do Censo de 1872, o número de “pretos e pardos somados, incluídos tanto livres e libertos quanto escravos, chegavam a 5.756.234, ou 57% da população total”⁵⁸ do país. Como

52 SILVA, W. C. L. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 224.

53 SCHIAVINATTO, 2003, p. 623.

54 LEVI, G. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Tempo*, Niterói, v. 20, p. 1-20, 2014. p. 1.

55 SARAT, 2011, p. 35.

56 HEYNEMANN, C. B. Vilas, sertões e florestas: diários de viagem. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas* 2. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 377.

57 SARAT, 2011, p. 42.

58 CHALHOUB, S. População e sociedade. In: CARVALHO, J. M. (org.). *A construção nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 42.

resposta, muitos desses estrangeiros lançaram “um depreciativo olhar”, justificado a partir de uma perspectiva científicizada que indicava “a falta de higiene, o suposto odor dos corpos, a imprevidência daqueles habitantes”⁵⁹ para caracterizá-los como diferentes e menos capazes. A realidade brasileira era bastante diversa dos países europeus e, segundo Burton, “de passar um mês no Brasil, o estrangeiro começa a distinguir o nativo do europeu”⁶⁰.

A discussão sobre questões raciais manifestava-se largamente nos escritos de Burton. Em suas descrições, o diplomata refletiu acerca das perspectivas teóricas europeias de “conceituação das populações não europeias do mundo”⁶¹, como as teses do determinismo geográfico e racial. A primeira delas designava o clima e o solo como importantes no delineamento cultural de uma nação, enquanto que o determinismo racial defendia o equilíbrio genético por meio do casamento entre grupos de mesma origem e condenava a miscigenação⁶². Em *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, R. Burton ponderou sobre as duas correntes de pensamento. Para ele, de um lado estavam os “antigos antropólogos comparativistas”, defendendo o monogenismo e a atuação do clima como originador das diferenças entre os grupos humanos; no “outro extremo” estariam “os anatomistas e fisiologistas”⁶³, que pregavam o determinismo racial, em que cada grupo possuiria características próprias de sua raça. O inglês vai se posicionar em um meio termo, afirmando que “a verdade” está entre as duas correntes⁶⁴.

Em suas descrições sobre as pessoas, Burton defendeu terem a mesma “relação física com seu antepassado, o português, que tem o americano da União com o britânico”, tendo se tornado “mais resistente e ágil do que forte e robusto”. Nesse caso, a comparação entre britânicos e estadunidenses parecia buscar o entendimento do leitor, utilizando exemplos mais próximos em termos geográficos e no campo das ideias de seu público-alvo. A explicação para a “notável aproximação dos iberos-brasileiros e dos anglo-americanos da União, dois povos saídos de dois centros étnicos tão distintos e tão diferentes”, foi remetida a causas locais do continente americano, “que assimilaram o adventício ao tipo autóctone, chamado homem vermelho”⁶⁵. Nessas descrições, o clima teve papel significativo para explicar as características dos sujeitos que encontrou na América, aproximando os habitantes de origem estrangeira às populações nativas.

59 HEYNEMANN, 2013, p. 382.

60 BURTON, 2001, p. 460.

61 GEBARA, 2001, p. 168.

62 SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 55-61.

63 BURTON, 2001, p. 461.

64 BURTON, 2001, p. 461.

65 BURTON, 2001, p. 460, 461.

Ao especificar o mineiro, Burton identificou “que, como seu antepassado, o paulista, ainda é o homem típico do Brasil”⁶⁶. Uma das marcas da população mineira seria a pele de uma coloração “pardo escuro morno”, causada pela baixa quantidade de mulheres brancas na região, indicando que o “mulatismo tornou-se um mal necessário”⁶⁷. Tais comentários remetem à diferenciação racial como elemento central em suas descrições, não mais centrado no clima. Alinhado com essa questão estavam os debates em torno do aspecto físico, a exemplo da coloração do cabelo, que chamava atenção pela variação de “todos os matizes, desde o castanho até o preto azulado” que raramente “caem e só encanecem muito tarde”, declarada por ele como uma “peculiaridade dos aborígenes”⁶⁸. Dessa forma, a miscigenação enfatizada pelos viajantes no Brasil, resultado do “diálogo da herança ibérica com a cultura africana e indígena resultou numa configuração diversa e afastada dos modelos comedidos, ascéticos e racionalistas que, por certo, serviam de inspiração para esses cientistas estrangeiros”⁶⁹ ao aspirarem por uma sociedade branca nos trópicos. Portanto, a miscigenação era duramente criticada no período e considerada “como sinônimo de degeneração não só racial como social”⁷⁰, ponto de vista associado à dimensão do necessário branqueamento da população. Essa perspectiva foi sustentada a partir do argumento criacionista de retroagir o deslocamento populacional ao ponto zero, ou seja, enviar os negros para “o lugar que Deus lhe havia designado desde o início dos tempos”, caso de William Herndon, Matthew Fontaine Maury e Louis Agassiz⁷¹ ou pela tese do branqueamento progressivo do país por meio da imigração⁷². Nesse sentido, os relatos estrangeiros sobre o país tenderam a posicionar a sociedade brasileira como “endemicamente inferior”⁷³ e caracterizar o Brasil como “um verdadeiro ‘laboratório racial’, onde se misturavam povos, religiões e costumes”⁷⁴ de forma desordenada para os padrões europeus, que se consideravam em um nível mais elevado de civilização.

Segundo o diplomata britânico, o clima brasileiro “não favorece a castidade”⁷⁵, em especial se considerado a miscigenação com as populações nativas e africanas. Entre os viajantes

66 BURTON, 2001, p. 455.

67 BURTON, 2001, p. 456, 463.

68 BURTON, 2001, p. 463.

69 SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 250.

70 FERREIRA, C. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira*: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. p. 109.

71 MACHADO, M. H. P. T. *Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. 2005. p. 255. Tese (Concurso de Livre-Docência). Universidade de São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, 2005. p. 8.

72 SEYFERTH, G. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

73 QUINTANEIRO, T. Entre vistas e imaginadas: as mulheres de Minas nos relatos de viajantes estrangeiros. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 298.

74 SCHWARCZ, 2011, p. 242.

75 BURTON, 2001, p. 475.

estrangeiros, “era trivial o argumento de que o ‘sangue misturado’ se somava ao clima tropical, tornando-se fatores a desfavorecer a castidade”⁷⁶ e contribuindo para o caráter não civilizado da sociedade. O casamento também estaria inserido nessa mesma lógica, em que os “homens não gostam de casar para sempre”⁷⁷, devido ao interesse em manter relações com uma quantidade maior de mulheres, o que explicaria “a mistura racial, tão presente nessa sociedade”⁷⁸. Para Richard Burton, essas “relações extramatrimoniais ou o concubinato dos homens portugueses ou dos seus descendentes com mulheres de outros grupos sociais não pareciam encobertos”, consistindo em mais um elemento de demonstração da falta de moralidade⁷⁹ dessa população no olhar europeu.

Em suas narrativas, porém, Burton validou esses costumes, defendendo que em “um país jovem” como o Brasil, o intuito de povoar o território tornava, temporariamente, a poligamia uma prática “moralmente justificável”. Afinal, “sem poligamia, como poderia a estirpe de Abraão ter-se multiplicado tanto?”⁸⁰ O pensamento do diplomata corroborava com a “imagem da América enquanto fronteira em expansão”⁸¹ do mundo europeu, devendo ser conquistada utilizando-se todas as medidas necessárias. Além disso, em nome do ideal civilizador, perdoar-se-iam os “encontros não legitimados de homens brancos com mulheres de cor”⁸², pois mais importante era ocupar rapidamente a região, perspectiva que demarcou de modo indelével o racismo estrutural no Brasil. Posição que não pode ser dissociada do progressivo branqueamento através da união entre os descendentes dos africanos e brancos, como defendeu o médico Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, ao afirmar que essas uniões resultariam em homens fortes e resistentes a doenças tropicais como a febre amarela⁸³.

Imbuído do pensamento racista preponderante no período, Burton afirmou que “o negro importado, cativo, proscrito, criminoso vindo da África melhorou muito ao atravessar o mar”, entrando em contato com a “raça superior”⁸⁴ presente no Brasil. Na fala do viajante, a descrição da população africana foi “fortemente pautada numa noção de infância e primitivismo”, defendendo que somente a presença europeia⁸⁵ poderia remediar os dilemas de sua inferioridade

76 QUINTANEIRO, 2013, p. 298.

77 BURTON, 2001, p. 456.

78 BOTELHO, 2013b, p. 275, 278.

79 QUINTANEIRO, 2013, p. 310.

80 BURTON, 2001, p. 154, 475.

81 CORREA, S. M. S. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. *Anos 90*, v. 12, n. 21, 22, p. 227-269, Porto Alegre: jan-dez. 2005. p. 228.

82 BOTELHO, 2013b, p. 279.

83 AZEVEDO, C. M. M. *Onda negra medro branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2004. p. 64.

84 BURTON, 2001, p. 326.

85 GEBARA, 2001, p. 7-8.

racial. A atuação dos brancos, portanto, tornava-se “um benefício concedido” a esses povos, que seriam libertos “do atraso e da miséria”⁸⁶ a qual estariam condenados sem o contato europeu. Porém, enquanto elemento positivo para os escravizados, os resultados do tráfico Atlântico prejudicaram sobremaneira a sociedade brasileira, em especial nos aspectos “morais assim como físicos”. A presença do negro seria destacada como “uma espécie de padrão de civilidade negativo”, com ênfase na “constatação da inferioridade da situação americana”⁸⁷.

Ao citar sobre a escravidão no país, Burton reportou-se ao que seria, a seus olhos, um “tratamento excepcionalmente humano do escravo”, não tendo experienciado nunca “um caso de crueldade praticada contra escravos”. Segundo ele, “o negro brasileiro não precisa invejar a liberdade esfomeada dos pobres na maior parte do mundo civilizado”, tendo em vista possuir “muitos dos direitos de um homem livre”⁸⁸. Ao reiterar a tão “propalada brandura das relações escravistas no Brasil”, o viajante eximia os senhores da “alta taxa de mortalidade”⁸⁹, premissa já desconstruída pela historiografia brasileira atualizada sobre a realidade vivida no período. Já foi amplamente demonstrado que a escravidão é por natureza um sistema violento de dominação⁹⁰, em que os castigos e o excesso de trabalho exigidos aos cativos não eram incomuns. Ao se posicionar dessa forma, Burton alinhava-se com parte da elite brasileira do período, voltada a manter o trabalho forçado em vigência por tempo indeterminado.

No Brasil, muitos letrados compartilhavam o caráter negativo do tráfico de escravizados, como o alagoano Aureliano Cândido de Tavares Bastos (1839-1875), que associava a escravidão ao baixo desenvolvimento industrial “durante todos os séculos de colonização”. A perspectiva de Tavares Bastos advogava firmemente uma outra história do Brasil a partir do investimento na imigração branca ao invés da escravização negra. Para ele, o crescimento do país triplicaria por meio da mão de obra branca, pois ela “era três vezes mais” produtiva comparativamente a dos escravizados. Portanto, defendia a imigração europeia como via de alterar o quadro nacional⁹¹, método também compartilhado por Richard Burton ao defender uma mudança demográfica a partir da vinda de europeus ao Brasil, pois “à medida que a escravidão for diminuindo, tal imigração aumentará”, uma vez que segundo ele, “as duas não podem coexistir”⁹².

86 HEYNEMANN, 2013, p. 377.

87 BURTON, 2001, p. 326.

88 BURTON, 2001, p. 331-332.

89 GEBARA, 2001, p. 149.

90 REIS, J. J. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 154.

91 AZEVEDO, 2004, p. 54.

92 BURTON, 2001, p. 27.

No contexto das teorias raciais do período, a opção pela vinda de estrangeiros era considerada vantajosa, tanto do ponto de vista econômico, como social e político⁹³, em uma perspectiva de branqueamento progressivo da população. Os europeus, em especial, eram vistos como a figura ideal para assumir os postos de trabalho livre, enaltecidos em face à considerada “inferioridade do trabalhador nacional e mestiço”, com base em “justificativas de caráter econômico [que] se misturavam àquelas de forte conteúdo racial”⁹⁴. Nesse caso, o imigrante era apontado como “elemento regenerador para as populações nativas que viviam no Brasil”⁹⁵, consideradas incapazes pelos olhares racistas do período. O objetivo seria atrair “grupos étnicos percebidos como a antítese da brasilidade”⁹⁶, como germânicos, escandinavos e britânicos.

Em relação ao futuro, porém, a projeção de Burton indicava que “o emprego da mão de obra livre em grande escala remediará muitos dos males que perduram no Brasil há três séculos”⁹⁷. Essa perspectiva estava em consonância com a ideia de que “a tendência do elemento negro no Brasil seria o desaparecimento, especialmente a partir do momento da extinção da escravidão”⁹⁸ devido ao decréscimo vegetativo percebido nessas populações no continente americano. Nos discursos sobre a transição entre trabalho escravo e livre no período, predominavam os ideais de racialização hierarquizada na composição da população brasileira, na esperança de que esse processo desvincularia o país de sua história escravista. Os modelos científicos prevalecentes corroboravam desse posicionamento ao apontar que “os homens brancos e ocidentais ocupariam o topo da pirâmide social, enquanto os demais seriam considerados inferiores e com potencialidades menores”⁹⁹.

Interessado na situação dos Impérios brasileiro e britânico, Burton apontou a possibilidade da vinda de irlandeses pobres ao país, que seriam “leais emigrantes” nas terras americanas. O traslado poderia ser realizado a partir da criação de um “fundo de emigração”¹⁰⁰ bancado pela coroa britânica, de forma a resolver problemas internos de superpovoamento. Ao longo do século XIX, a Europa experienciou significativo crescimento demográfico que, associado a momentos de crise econômica e política, tiveram como consequência “o pauperismo, o desemprego crônico

93 FERREIRA, C. Robert Avé-Lallemant na Província de Santa Catarina: dilemas de um médico em defesa do nacionalismo alemão em terras brasileiras. In: FERREIRA, C.; FURTADO, A. (org.). *Travessias oitocentistas: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil*. Blumenau: Edifurb, 2022. p. 155-176.

94 OLIVEIRA, M. R. Imigrantes e libertos no contexto do abolicionismo. In: RESENDE; VILLALTA (org.), 2013. p. 229.

95 PEREIRA, M. A. M.; IEGELSKI, F. O paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hillaire. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 7, p. 47-72, verão 2002. p. 55.

96 FERNANDEZ, A. La ley argentina de inmigración de 1876 y su contexto histórico. *Almanack*, Guarulhos, n. 17, p. 51-85, dez. 2017, p. 62.

97 BURTON, 2001, p. 327.

98 GEBARA, 2001, p. 150.

99 SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 30.

100 BURTON, 2001, p. 29.

e a baixa de salários”¹⁰¹. Dessa forma, o processo de colonização apresentaria benefícios para todos os envolvidos, dos imigrantes que escapariam de uma condição de empobrecimento, dos países europeus que se veriam livres do problema social de lidar com o aumento populacional e, em especial, do Brasil, que teria sua população “melhorada” com a entrada do contingente branco.

Ao tratar dos pontos positivos que esses imigrantes encontrariam no Brasil, Burton indicou que em “nenhum outro lugar um homem honesto e disposto ao trabalho terá mais oportunidade de prosperar, com um mínimo de dinheiro e de capacidade”¹⁰². Tais narrativas, constituídas a partir dos relatos de viajantes, corroboraram com a imagem divulgada sobre o Brasil, considerado um país que favorecia a “busca pela liberdade num lugar onde tudo poderia ser conseguido, não sem trabalho”¹⁰³. O diplomata britânico retomou as explicações de cunho racial para justificar tais condições, afirmando que “nenhum país se iguala ao Brasil, como campo para o homem branco”. Essas vantagens seriam resultado direto “da presença de uma raça inferior e de uma casta servil”¹⁰⁴, representada pelos negros e pardos. Dessa forma, entendia que os imigrantes seriam beneficiados por sua suposta superioridade em “contraposição aos mestiços brasileiros, considerados desqualificados para o trabalho”¹⁰⁵.

Ao estudar as narrativas de Burton sobre a população brasileira e mineira, percebemos como os relatos de viagem contribuíram para a construção de uma imagem estereotipada e dicotômica sobre o país. A perspectiva dos viajantes, intrinsecamente vinculada ao pensamento eurocêntrico prevalente no período, impôs os padrões socioculturais que seriam esperados nas outras partes do globo, críticos aos costumes e populações nativas e miscigenadas. O diplomata britânico corroborava essas noções, vinculando-se nitidamente às teorias raciais do período para depreciar o que viu, condicionando o futuro do Brasil a mudanças voltadas a torná-lo à imagem e semelhança da Europa como parâmetro civilizacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XIX proliferaram os escritos de viajantes europeus sobre as mais diversas regiões do mundo, com obras que descreveram os diferentes povos e lugares encontrados. Em sua trajetória como viajante, Richard F. Burton entrou em contato com diferentes países e

101 VARGAS, J. M. “Entre o local e o global”: imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890). In: VENDRAME, M. I. et al (org.). *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo, Oikos: Ed. Unisinos, 2016. p. 342-343.

102 BURTON, 2001, p. 322.

103 VENDRAME, M. I. Mobilidade, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, M. I. et al (org.), 2015. p. 208.

104 BURTON, 2001, p. 321.

105 FERREIRA, 1998, p. 11.

sociedades, na África, Ásia e Américas. Sua atuação esteve vinculada intimamente aos círculos intelectuais britânicos, o que pode ser percebido pela ligação com a Royal Geographical Society.

Em sua passagem pelo Brasil, Burton demonstrou interesse em conhecer melhor o país, transpondo suas experiências em relatos para o público europeu. No livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, publicado originalmente em 1869, o viajante trouxe uma narrativa minuciosa, com a preocupação de relatar de forma segura os caminhos que percorreu a partir do uso de constantes notas explicativas. Seus escritos tiveram como base sua viagem para as companhias de mineração inglesas na Província de Minas Gerais e o trajeto fluvial pelo Rio São Francisco, adentrando em temas que envolviam suas experiências de viagem, o cotidiano das regiões visitadas, assim como descrições e comentários sobre a sociedade, política e economia do país.

Imbuído das teorias raciais preponderantes no período, o viajante buscou caracterizar os sujeitos que encontrou a partir de preceitos ‘científicos’. Porém, suas afirmações recusaram um determinismo baseado apenas no clima ou na raça para explicar os grupos humanos. Partindo do olhar eurocêntrico, Burton se apropriou das duas correntes de pensamento na descrição da sociedade brasileira, ao ressaltar a defasagem do Brasil em relação ao padrão europeu ‘civilizado’, que se manifestava nas cores e costumes locais como a miscigenação, propiciada pelo descompasso entre o casamento e a castidade, considerado justificável pelo viajante diante de um quadro momentâneo de ocupação territorial.

Ao descrever as dinâmicas raciais no Brasil, Burton reafirmou a brandura das relações escravistas no país. Em contrapartida, a historiografia sobre essa temática evidencia as inúmeras mazelas enfrentadas pelos cativos e nos permite compreender melhor os elementos racistas que foram considerados por Burton ao escrever seus relatos, nem sempre tão objetivos como ele mesmo apontava. Dessa forma, revelaram uma mescla de interesses britânicos e das elites brasileiras, defendendo a continuidade temporária da escravidão, reforçando sua opinião negativa acerca das populações nativas e afrodescendentes e apontando o embranquecimento do país a partir da imigração europeia como solução para o estágio que ele considerava civilizado.

REFERÊNCIAS

Fonte:

BURTON, R. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Brasília: Senado Federal, 2001.

Obras gerais:

AUGUSTIN, G. *Literatura de viagem na época de Dom João VI*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

AZEVEDO, C. M. M. *Onda negra medro branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BASSET, T. Publishing and circulation. In: FELLUGA, D. F. (ed.). *The Encyclopedia of Victorian Literature*. [s.l.]: John Wiley & Sons, 2015.

BOTELHO, T. R. A família mineira no século XIX. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013b. p. 267-282. (História de Minas Gerais).

BOTELHO, T. R. Sociedade e cotidiano: introdução. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013ª. p. 263-265. (História de Minas Gerais).

CARVALHO, P. C. A. “Going native?” islã e alteridade em *Personal Narrative of a Pilgrimage to Al-Madinah and Meccah* (1855-6), de Richard Francis Burton. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

CHALHOUB, S. População e sociedade. In: CARVALHO, J. M. (org.). *A construção nacional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 37-81. (História do Brasil Nação, v. 2).

CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, R. Literatura e cultura escrita: permanência das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras. In: CHARTIER, Roger; RODRIGUES, José Damião;

MAGALHÃES, Justino (org.). *Escritas e Cultura na Europa e no Atlântico Modernos*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020. p. 19-39.

CORREA, S. M. S. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 227-269, jan-dez. 2005.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

DULCI, O. S. Economia de uma província em transformação: introdução. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *A Província de Minas 1*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 267-270. (História de Minas Gerais).

FERNANDEZ, A. La ley argentina de inmigración de 1876 y su contexto histórico. *Almanack*, Guarulhos, n. 17, p. 51-85, dez. 2017.

FERREIRA, C. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

FERREIRA, C. Robert Avé-Lallemant na Província de Santa Catarina: dilemas de um médico em defesa do nacionalismo alemão em terras brasileiras. In: FERREIRA, C.; FURTADO, A. (org.). *Travessias oitocentistas: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil*. Blumenau: Edifurb, 2022. p. 155-176.

FIGUEIRA, L. J. *Richard Francis Burton no Brasil (1865-1869): um olhar para a Guerra do Paraguai (1865-1870) a partir de cartas dos campos de batalha*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

GEBARA, A. L. A. *A experiência do contato: as descrições populacionais de Richard Francis Burton*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2001.

GILLIES, A. M. R. Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX. *Estudios del ISHiR*, Rosário, ano 4, n. 10, p. 23-38, 2014.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

HEYNEMANN, C. B. Vilas, sertões e florestas: diários de viagem. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica: Companhia do Tempo, 2013. p. 373-389. (História de Minas Gerais).

KURY, L.; SÁ, M. R. Os três reinos da natureza. In: MARTINS, C. (org.). *O Brasil redescoberto*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1999. p. 22-34.

LEVI, G. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Tempo*, Niterói, v. 20, p. 1-20, 2014.

LIBBY, D. C. Trabalho escravo e trabalho livre: introdução. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *A Província de Minas 1*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 135-140. (História de Minas Gerais).

MACHADO, M. H. P. T. *Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. 2005, p. 255. Tese (Concurso de Livre-Docência). Universidade de São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, 2005.

MARTINS, L. L. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MORAES, C. N. *O racista ignóbil e o perspectivista compassivo: refletindo sobre a tradução de poemas de A Kasidah de Richard Burton*. Tese (Doutorado em Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis: 2014.

OLIVEIRA, M. R. Imigrantes e libertos no contexto do abolicionismo. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 217-232. (História de Minas Gerais).

- PEREIRA, M. A. M.; IEGELSKI, F. O paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hillaire. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 7, p. 47-72, verão 2002.
- PESAVENTO, S. J. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro”. (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: PESAVENTO, S. J. (org.) *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2003. p. 209-244.
- PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- QUINTANEIRO, T. Entre vistas e imaginadas: as mulheres de Minas nos relatos de viajantes estrangeiros. In: RESENDE, M. E. L.; VILLALTA, L. C. (org.). *A Província de Minas 2*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 297-311. (História de Minas Gerais).
- REIS, J. J. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RESENDE, M. E. L. de. Escrever a História de Minas Gerais. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *A Província de Minas 1*. Belo Horizonte: Autêntica - Companhia do Tempo, 2013. p. 11-18. (História de Minas Gerais).
- SARAT, M. “Literatura de viagem”: olhares sobre o Brasil nos registros de viajantes estrangeiros. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 7, n. 2, p. 33-54, dez. 2011.
- SCHIAVINATTO, I. L. Imagens do Brasil: entre a natureza e a história. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec: Ed. Unijuí: Fapesp, 2003. p. 603-631.
- SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, L. M. Cultura. In: SILVA, Alberto da Costa e (coord.). *Crise colonial e independência: 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (História do Brasil Nação: 1808-2010, v. 1). p. 205-247.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SEYFERTH, G. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SILVA, W. C. L. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- TREDOUX, G. *The book of burtoniana*. [s.l. / s.n.], 2016.
- VARGAS, J. M. “Entre o local e o global”: imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890). In: VENDRAME, M. I. *et al* (org.).

Ensaio de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo, Oikos: Ed. Unisinos, 2016. p. 338-362.

VENDRAME, M. I. Mobilidade, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, M. I. *et al* (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração.* São Leopoldo, Oikos: 2015. p. 200-223.

WITT, M. A. Política e economia em um conjunto de fontes bibliográficas sobre imigração. In: MARTÍNEZ, E. E. G. *et al* (org.). *História da imigração: possibilidades e escrita.* São Leopoldo, Oikos: Ed. Unisinos, 2013. p. 139-149.

Recebido em: 30/09/2022 - Aprovado em: 28/11/ 2022.